

A adaptação literária para crianças e jovens no Brasil e seus adaptadores

Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho¹ (UEMA)

Resumo:

No processo de adaptação literária para crianças e jovens, a tarefa de mediar o encontro entre a obra literária e o leitor infanto-juvenil cabe ao adaptador, cuja função enquanto mediador é propiciar o cruzamento dos horizontes de expectativas, na acepção de Jauss, desses dois elementos do sistema literário. Com sua presença, na verdade, se estabelece uma reorganização desse sistema, constituído, inicialmente, por autor, obra, leitor, para um novo formato ou desenho formado por autor, obra, leitor/adaptador, obra adaptada, leitor infanto-juvenil, objetivando, posteriormente, retornar à organização primeira do sistema literário: autor, obra, leitor. Em vista disso, o presente trabalho, a partir de um recorte da pesquisa A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil, apresenta e analisa algumas características do responsável por esse processo, configurando, assim, os perfis dos adaptadores literários para a criança e o jovem brasileiro, os quais se alteram por diversas circunstâncias históricas e econômicas.

Palavras-chave: Adaptação literária, Literatura infantil e juvenil, Adaptadores

Introdução

A tarefa de mediar o encontro entre a obra literária e o leitor infanto-juvenil cabe ao adaptador, cuja função de mediação é propiciar o cruzamento dos horizontes de expectativas desses dois elementos do sistema literário. Com sua presença, na verdade, se estabelece uma reorganização desse sistema, constituído, inicialmente, por autor, obra, leitor, para um novo formato ou desenho formado por autor, obra, leitor/adaptador, obra adaptada, leitor infanto-juvenil, objetivando, posteriormente, retornar à organização primeira do sistema literário: autor, obra, leitor.

A amostra da pesquisa **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil** (CARVALHO, 2006), pode nos indicar algumas características do responsável por esse processo, configurando, assim, os perfis dos adaptadores literários para a criança e o jovem brasileiro.

1 Os perfis dos adaptadores

Detectou-se um total de 262 (duzentos e sessenta dois) adaptadores, sendo 210 (duzentos e dez) brasileiros e 52 (cinquenta e dois) estrangeiros. Para se chegar a esses dados considerou-se, quanto à questão da nacionalidade brasileira, os sujeitos naturais e/ou radicados no país, o que implica a inclusão de Carlos Jansen, nascido na Alemanha, Tatiana Belinky, nascida na Rússia, e Clarice Lispector, nascida na Ucrânia.

Nota-se, a partir dos dados, que o trabalho é realizado predominantemente de modo individual, uma vez que, desse montante de adaptadores, identificou-se somente 09 (nove) duplas e 01 (um) trio. Destacam-se entre as duplas, os ingleses Charles e Mary Lamb e os brasileiros Cora e Paulo Ronái, em face do número de obras adaptadas. Quanto ao gênero, observa-se a ala masculina com 156 (cento e cinquenta e seis) representantes e 553 (quinhentos e cinquenta e seis) publicações, e a ala feminina com 106 (cento e seis) e 346 (trezentos e quarenta e seis), respectivamente, o que indica certo equilíbrio entre os dois grupos com relação ao gênero, pois os percentuais demonstram que, tanto ao gênero quanto ao número de publicações, os homens perfazem aproximadamente 60% e as mulheres 40% do total dessas categorias.

Entre os adaptadores estrangeiros, vale ressaltar o trabalho dos ingleses Charles e Mary Lamb, que, em 1806, adaptam para jovens leitores as peças teatrais de William Shakespeare, com o título *Contos de Shakespeare*. Os irmãos Lamb, sob encomenda de um editor, usam como estratégia a mudança de tipologia textual, da estrutura teatral para a do conto, para aproximar o leitor inglês iniciante do universo shakespereano. Contudo, os adaptadores expressam, no prefácio da primeira edição, que não desejam substituir as peças, mas mediar um primeiro contato com a obra:

O que estes contos representarem para os jovens leitores, e muito mais ainda, é o que desejamos sejam para eles, na idade adulta, as verdadeiras peças de Shakespeare: que lhes enriqueçam a fantasia, fortaleçam a virtude, deles afastem todos os pensamentos egoístas e mercenários e lhes façam ver o que há de mais delicado e nobre em pensamentos e ações; que lhes ensinem cortesia, benignidade, generosidade, humanidade, pois de tais virtudes estão cheias as suas páginas (LAMB, LAMB, 1964, p.05).

Os irmãos Lamb assumem a posição de mediadores, a qual tem um caráter formativo, uma vez que desejam aos seus leitores, através da leitura dos contos e, posteriormente, por meio das peças, o desenvolvimento e o fortalecimento de comportamentos pautados pelas virtudes que recheiam as páginas shakespereanas. Percebe-se, assim, a concepção que direciona o trabalho de adaptação realizado pelos ingleses no início do século XIX.

No Brasil, a adaptação dos irmãos Lamb é traduzida por Mario Quintana, para a Editora Globo, ainda com sede em Porto Alegre – RS. A primeira edição data de 1943 e a mais recente, de 2003, com 20 (vinte) títulos contidos num único volume. Já a edição produzida pela Editora Dimensão, de Belo Horizonte, a partir de 1996, publica 11 (onze) títulos isolados, agregados à “Coleção Obras de Shakespeare”. A Editora Ática, a partir de 2002, traz ao público infanto-juvenil brasileiro as coletâneas *Histórias de Shakespeare 1* e *Histórias de Shakespeare 2*, cada uma contendo 3 (três) títulos, vinculadas à coleção “Quero Ler – Clássico”.

Esses três exemplos de editoração das adaptações de Charles e Mary Lamb são exemplares para explicitar o processo de uma adaptação estrangeira, em que, num primeiro momento, a obra é adaptada na sua língua materna e, num segundo, no Brasil, passa pela etapa da tradução para a língua portuguesa, ou seja, tem-se uma terceira versão, uma vez que se tem a edição primária ou original, a da adaptação em língua inglesa, e, por último, a da adaptação em português. Vale salientar que essa última versão pode apresentar distinções ou variações entre os títulos se não é traduzida por uma única pessoa, isto é, a tradução dos contos realizada por Mario Quintana apresenta unidade. A da Editora Dimensão, por sua vez, pode não ter essa coesão porque os títulos são traduzidos por diferentes sujeitos.

Do conjunto de adaptadores brasileiros depreendem-se quatro perfis: 1) escritores(as) de ficção sem vínculo com o público infanto-juvenil; 2) escritores(as) de ficção que produzem tanto para o público adulto como para o infanto-juvenil; 3) escritores(as) de ficção vinculados exclusivamente ao público infanto-juvenil; 4) tradutores e/ou adaptadores vinculados ao mercado editorial.

1.1 Perfil 1: escritores(as) de ficção sem vínculo com o público infanto-juvenil

No primeiro perfil, enquadram-se 13 (treze) escritores, sendo 10 (onze) homens e 03 (três) mulheres, responsáveis pela adaptação de 75 (setenta e cinco) títulos e 103 (cento e três) publicações, perfazendo um percentual de 24,03% e 11,67%, respectivamente. Destacam-se, nesse grupo, quanto ao aspecto quantitativo, o poeta e cronista Paulo Mendes Campos, com 21 (vinte e um) títulos e 35 (trinta e cinco) publicações, o ensaísta e romancista Miécio Tati, com 11 (onze) e 21 (vinte e um), os romancistas Vicente Ataíde, com 11 (onze) e 11 (onze), e José Angeli, com 06

(seis) e 08 (oito), a teatróloga Maisa Ache, com 07 (sete) e 07 (sete), o romancista Terra de Senna, com 06 (seis) e 06 (seis), respectivamente.

Além de se destacar pelo número de trabalhos adaptados e publicados, Paulo Mendes Campos (1922-1991) é o que possui nesse grupo mais prestígio junto à tradição literária brasileira. Jornalista, tradutor, cronista, poeta da geração de 1945, Campos desenvolve o trabalho de adaptação de obras de diferentes autores, épocas e estéticas, como, por exemplo, a tragédia de William Shakespeare, em *Contos de Shakespeare*, o romance romântico, em *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, e *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, a ficção científica de Julio Verne, em *A volta ao mundo em 80 dias*. Nesse trabalho, há um diálogo com normas literárias que não fazem parte do seu fazer literário pessoal, haja vista ter sido, sobretudo, poeta. São trabalhos editados pela Ediouro, a partir da década de 1970, para as coleções “Calouro”, “Elefante” e “Clássicos para o Jovem Leitor”, e pela Editora Abril, para a coleção “Clássicos para a Juventude”, e pela Editora Scipione, a partir da década de 1980, para a “Série Reencontro”. Vale ressaltar que em *Contos de Shakespeare*, composto por *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Macbeth*, *Sonho de uma noite de verão*, *Otelo*, *A fúria domada*, e *A tempestade*, observa-se a coincidência com a edição brasileira de Charles e Mary Lamb, da Editora Globo, com relação ao título, a transformação de texto teatral em conto, e a definição de autoria não ao autor, mas ao adaptador. Nas duas publicações, a autoria de William Shakespeare é deslocada para o título e os nomes dos irmãos Lamb e de Paulo Mendes Campos são colocados na posição destinada ao autor.

1.2 Perfil 2: escritores(as) de ficção que produzem tanto para o público adulto como para o infanto-juvenil

O segundo perfil é composto por 30 (trinta) escritores(as), sendo 20 (vinte) homens e 10 (dez) mulheres, responsáveis pela adaptação de 154 (cento e cinquenta e quatro) títulos e 228 (duzentas e vinte e oito) publicações. Esse grupo apresenta algumas características que possibilitam desdobrá-lo em sub-perfis: a) membros imortais da Academia Brasileira de Letras: Marques Rebelo, Herberto Sales, Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Raquel de Queiroz, e Ana Maria Machado; b) consagrados ou conhecidos pela obra literária destinada ao público leitor adulto: Marques Rebelo, Herberto Sales, Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Rubem Braga, José Louzeiro, Ferreira Gullar, Mario Donato, Ruy Castro, Renata Pallottini, Waldir Ayala, Ary Quintella, Edla Van Steen, e Hernani Donato; c) consagrados ou conhecidos pela obra literária direcionada ao público infanto-juvenil: Ana Maria Machado, Márcia Kupstas, Stella Leonardos, Ganymedes José, Júlio Emilio Braz, José Arrabal, Julieta de Godoy Ladeira, Lúcia Machado de Almeida, Leonardo Arroyo, Monteiro Lobato, André Carvalho e Carlos Moraes.

Do ponto de vista quantitativo, destacam-se Carlos Heitor Cony, com 28 (vinte e oito) títulos adaptados e 52 (cinquenta e duas) publicações, Clarice Lispector, com 24 (vinte e quatro) e 44 (quarenta e quatro), Marques Rebelo, com 17 (dezessete) e 26 (vinte e seis), Monteiro Lobato, com 11 (onze) e 15 (quinze), Herberto Sales, com 05 (cinco) e 09 (nove), Ana Maria Machado, com 07 (sete) e 07 (sete), Renata Pallottini, com 05 (cinco) e 05 (cinco), José Louzeiro, com 04 (quatro) e 04 (quatro), Orígenes Lessa, com 03 (três) e 09 (nove), Rubem Braga, com 04 (quatro) e 04 (quatro), Raquel de Queiroz, com 03 (três) e 04 (quatro), respectivamente.

Cony é, sem dúvida, o escritor brasileiro com maior número de adaptações, cuja circulação ocorre desde a década de 1970, com as edições da Ediouro, inseridas nas Coleções “Calouro”, “Elefante”, “Clássicos para o jovem leitor”, “Edijovem” e “Clássicos das Mil e uma Noites”, em que as três primeiras trazem o romance autobiográfico, *O Grande Meinel*, de Alain-Fournier, o romance realista, *Crime e Castigo*, de Fiodor Dostoiévski, *Taras Bulba*, de Nicolas Gogol, romance histórico, *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, romances de capa e espadas, de Alexandre Dumas, de ficção científica, de Julio Verne, de aventuras, de Herman Melville, Robert Louis Stevenson, Emilio Salgari, e Mark Twain; as duas últimas estão centradas nos contos árabes de *As mil e uma noites*.

Na Editora Abril Cultural publica a adaptação de *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, nas coleções “Clássicos da Literatura Juvenil” e “Grandes Aventuras”. Para a Editora Scipione, por sua vez, o trabalho é realizado para a “Série Reencontro” com o romance picaresco *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antonio de Almeida, o romance realista e de formação, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, o romance realista, *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, e o drama romântico, *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho. A partir desse rol de títulos, observa-se que o desafio para Cony envolve a adaptação do romance e do conto, sendo este o das mil e uma noites, permitindo um diálogo mais linear entre os textos; enquanto aquele predomina o de aventuras, mas com exemplares autobiográficos, românticos e realistas, exigindo do adaptador o diálogo, enquanto leitor, com distintos horizontes de expectativas propostos pelas obras literárias, para, em seguida, na condição de adaptador, alterar esses horizontes com vistas a propiciar uma interação com os horizontes dos leitores infanto-juvenis.

Marques Rebelo, assim como Cony, faz parte da geração que trabalha para a Ediouro e tem suas adaptações vinculadas às coleções “Calouro”, “Elefante” e “Clássicos para o jovem leitor”. Para essas séries, Rebelo adapta as epopéias, como, por exemplo, *A odisséia*, de Homero, *Lazarillo de Tormes*, *A divina comédia*, de Dante Alighieri; os romances realistas, como, por exemplo, *Salambô*, de Gustave Flaubert, *Eugenia Grandet*, de Honoré de Balzac; o romance de terror, como, por exemplo, *Os inocentes*, de Henry James; o romance do absurdo, como, por exemplo, *A metamorfose*, de Franz Kafka; o romance de ficção científica, como, por exemplo, *Cinco semanas num balão*, de Julio Verne; o romance histórico, como, por exemplo, *Os últimos dias de Pompéia*, de Bulwer Lytton; o conto policial, *O passageiro clandestino*, de Edgar Allan Poe. Assim como Cony, Rebelo também se depara com a diversidade estética, em que se deve salientar a adaptação das três epopéias, tipo de narrativa que envolve concepções de gênero e de mundo completamente distintas do leitor pretendido para a adaptação.

Monteiro Lobato é um caso à parte, pois se, na condição de modernista, a sua obra não é reconhecida como tal pelo movimento de 1922, o mesmo não ocorre com a sua obra literária para a infância e juventude brasileiras, visto que é o responsável pela modernização do gênero no Brasil. Lobato possui um projeto pessoal que abrange não só a criação, mas também todo o processo editorial da literatura. Inserido nesse projeto está a adaptação de obras clássicas, com vistas à inserção da tradição literária no repertório dos pequenos leitores, que é descrito por ele em correspondência ao seu amigo Godofredo Rangel:

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me como vivi dentro do *Robinson Crusoe* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n’ *Os filhos do Capitão Grant* (LOBATO, 1946, p.293).

Pretendemos lançar uma série de livros para crianças, como *Gulliver*, *Robinson*, etc..., os clássicos, e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Muller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se pode agarrar Jansen como ‘burro’ e reescrever aquilo em linguagem deslitteraturilizada (LOBATO, 1946, p.233).

Lobato, nesse excerto, evidencia a concepção texto literário endereçado à infância que irá nortear a coleção de adaptações, isto é, linguagem deslitteraturilizada, como também critica a adaptação realizada por Carlos Jansen. Em outra correspondência, anos mais tarde, volta a tratar desse projeto:

(...) Andas com tempo disponível? Estou precisando de um D. Quixote para crianças, mas correntio e mais em língua da terra que as edições da Garnier e dos portugueses. Preciso do D. *Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso

mandar serviço? É uma distração e ganhas uns cobres. Quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso! Meu tempo é curto demais (LOBATO, 1946, P.278).

Sobre o processo de adaptação de Robinson diz o seguinte: “Sabe que concentrei um *Robinson*? Otales encomendou-me e fi-lo em cinco dias – um recorde: 183 páginas em cinco dias, inclusive um domingo cheio de visitas e partidas de xadrez com o Belenzinho” (LOBATO, 1946, P. 301). É desse modo que o leitor Lobato realiza a adaptação de uma obra presente na sua infância:

(...) tenho bem viva a recordação das minhas primeiras leituras. Não me lembro do que li ontem, mas tenho bem vivo o Robinson inteirinho – o meu *Robinson* dos onze anos. A receptividade infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo – e foi ao que o infame facismo da nossa era recorreu para a sórdida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da história, porque os soldados de Hitler leram em criança os venenos cientificamente dosados do hitlerismo – leram como eu li o *Robinson* (LOBATO, 1946, P. 345-346).

Desse projeto editorial, Lobato publica *As aventuras de Hans Staden (contadas por Dona Benta)* (1926), *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1931), *D. Quixote das crianças*, de Miguel de Cervantes (1936), *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1937); *Os doze trabalhos de Hércules* (1944); *Robin Hood* (1984).

Ana Maria Machado, expoente escritora para crianças e jovens, que foi agraciada recentemente o Prêmio Hans Cristhian Andersen, pelo conjunto de sua obra, contribui com o processo de adaptação com os seguintes títulos: *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, *Melusina: dama dos mil prodígios*, *Peer Gynt: O imperador de si-mesmo*, de Henrik Ibsen, *O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, de Thomas Malory, *As aventuras de Marco Pólo*, de Marco Pólo, *Ivanhoé*, de Walter Scott, e *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare. No entanto, essa parte da sua bibliografia não aparece, por exemplo, na sua página pessoal na Internet (www.anamariamachado.com.br), nem na que está listada na página da Academia Brasileira de Letras (www.academia.org.br), muito embora seja defensora desse processo de apropriação da tradição literária pelas crianças e jovens.

Sobre o processo de adaptação, Machado, em entrevista a Mario Feijó Monteiro, discorre sobre os procedimentos, a fidelidade à obra literária, e o caráter autoral da recriação de textos:

O máximo que se pode fazer é selecionar elementos da obra original, desprezando outros (com extremo cuidado para não trair o conjunto), e procurar uma linguagem que, para outros leitores, tenham um efeito semelhante ao que em sua origem a obra recriada poderia ter sobre os leitores para quem se dirigia. Para mim, essa concepção de autor determina que o original de uma obra adaptada terá que funcionar como mapa e bússola da adaptação. No caso de uma adaptação não-literária (para teatro, cinema, dança, enfim, outros meios), a liberdade é bem maior, pela necessidade de tradução para outra linguagem. Mas na obra literária, creio que a adaptação tem a obrigação ética de ser fiel. Evidentemente, esta resposta se refere apenas ao que foi situado como objeto na introdução do seu questionário: a adaptação para uso escolar. Fora disso, nos termos restritos em que foi formulada a pergunta 2, é muito diferente. Não há limites. A recriação de uma obra literária a partir de outra existente pode se servir apenas de uns poucos elementos da original e fazer algo totalmente novo, diferente e até conflitante com ela. Nesse caso, a obra original é apenas um pretexto para a manifestação de outra autoria. Podíamos falar em Joyce e Homero para exemplificar o que estou dizendo. Ou Dom Casmurro e Otelo (MONTEIRO, 2001, 139).

A adaptadora também expõe sobre as razões para a adaptação de um clássico da literatura:

No caso das adaptações destinadas a um público juvenil, para que elas agucem a curiosidade e funcionem como um “trailer”, mostrando que existe aquela obra, tem aquele clima e trata daquilo — um dia a obra pode ser buscada em sua íntegra. Ou, pelo menos, para dar uma visão geral do patrimônio cultural que todos herdamos e não vamos conseguir ler em sua totalidade. Para que possamos depois ler outros livros, posteriores aos clássicos, e entender suas alusões e referências, por exemplo (MONTEIRO, 2001, 139).

Por fim, expressa o porquê do trabalho de adaptação ser estimulante ou desafiador, como indaga Monteiro:

Pela intimidade com o original que propicia ao adaptador, faz a gente perceber o texto de dentro, é uma oportunidade de leitura privilegiada muito estimulante. E cheia de desafios, em cada opção do que se vai incluir ou excluir na adaptação, e como (MONTEIRO, 2001, p. 140).

Sobre a leitura do original, em especial dos clássicos, a autora narra, em *Esta estranha força: trajetória de uma autora*, sua primeira experiência mediada pelo pai, através da oralidade, uma vez que a leitura, ainda, não é de seu domínio: “Mas no Rio seu repertório era diferente e fascinante – com suas próprias palavras, mas mostrando as gravuras dos livros, ia me apresentando os clássicos: *As 1001 noites* (principalmente *Ali Babá e os 40 ladrões*, *Simbad, o marujo*, *Aladim e a lâmpada maravilhosa*), *Gulliver em Liliput*, *Dom Quixote*, *Robinson Crusoe*...” (MACHADO, 1996, p.16)

1.3 Perfil 3: escritores(as) de ficção vinculados exclusivamente ao público infanto-juvenil

O terceiro perfil é composto por 31 (trinta e um) escritores infantis, 17 (dezesete) homens e 14 (quatorze) mulheres, responsáveis pela adaptação de 105 (cento e cinco) títulos e 120 (cento e vinte) publicações. Fazem parte desse grupo, os pioneiros Carlos Jansen e Arnaldo de Oliveira Barreto, os consagrados pela crítica literária infantil Bartolomeu Campos de Queiroz, Edy Lima, Elias José, Fanny Abramovich, Joel Rufino dos Santos, Luiz Antonio Aguiar, Ricardo Azevedo, Ruth Rocha, Silvia Orthof, Tatiana Belinky e Werner Zotz. Os demais escritores são Arthur Rosenblat Nastrovski, Carlos Moraes, Cora Ronái, Cordélia Dias Aguiar, Cristina Porto, Elsa Fiúza, Janart Moutinho Ribeiro, João de Barros, Leonardo Arroyo, Lucília Garcez, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, Maria Nazareth Barros, Maria Tereza Cunha de Giacomio, Naumim Aizen, Pepita de Leão, Ricardo Gouveia, Sabá Gervásio, Stella Leonardos, Virgínia Lefevre e Walcir Carrasco.

Carlos Jansen é o pioneiro nessa modalidade de texto literário endereçado ao leitor infanto-juvenil brasileiro, no final do século XIX, quando propõe nacionalizar a linguagem das edições literárias que chegam até aos jovens da época. Preocupado com a formação dos seus alunos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, Jansen publica as seguintes obras: *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1885), *D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes (1886), *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*, de Jonathan Swift (1888), *Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchhausen ou fiel e verídica narrativa das Memórias Extraordinárias daquele narrador imortal*, de Gottfried August Burger (1891). Tais livros são editados pela Laemmert e, posteriormente, na década de 1940, voltam ao mercado livreiro através da Editora Minerva.

Arnaldo de Oliveira Barreto tem um papel importante à medida que é o responsável pela “Biblioteca Infantil”, da Editora Melhoramentos, entre 1915 e 1925, publicando aproximadamente 28 (vinte e oito) títulos destinados ao público infanto-juvenil. Entre as obras editadas, destacam-se três por se adequarem ao critério da pesquisa: *Aladim, Aladino e a lâmpada maravilhosa*, *Ali Babá e os quarenta ladrões*, *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro*. Vale ressaltar que as referências encontradas desses títulos são posteriores a esse período, entre 1937 a 1950, o que indica a circulação por longo período da coleção.

Luiz Antonio Aguiar é o adaptador da coleção “Clássicos Ilustrados”, da Editora Melhoramentos, formada por 08 (oito) títulos, cada um com uma publicação: *O último moicano*, de James Fenimore Cooper, *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, *El cid*, *Os miseráveis*, de Victor Hugo, *Moby Dick*, de Herman Melville, *Robin Hood*, *Quo Vadis?*, Henryk Sienkiewicz, e *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.

Ruth Rocha aparece nesse cenário apenas com 04 (quatro) títulos e 05 (cinco) publicações: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, *Histórias das mil e uma noites*, *A odisséia* e *A ilíada*, de Homero. Nas edições d’*A odisséia* e d’*A ilíada*, Editora Cia. das Letrinhas, nota-se a ausência do nome de Homero na capa e sim a expressão “Ruth Rocha conta a Odisséia” e “Ruth Rocha conta a Ilíada”, fato que envolve a questão da autoria, agora assumida pela adaptadora. Com relação a Homero, nas duas edições, só vai aparecer na última página (ROCHA, 2000, P. 103) sob o tópico “Sobre Homero” em que se discorre sobre veracidade da existência desse autor e que ele seria o autor dessas duas grandes obras, considerando-as o começo da literatura ocidental. Após terminar a leitura é que o pequeno leitor vai tomar conhecimento sobre a fonte da narrativa lida.

Tatiana Belinky, russa que chegou muito jovem ao Brasil, junto com seu esposo Julio Gouveia foram os responsáveis pela adaptação do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, para a televisão, popularizando ainda mais as personagens Narizinho, Pedrinho, a boneca Emília, o Visconde de Sabugoza junto ao público infanto-juvenil do Brasil. Adapta também para esse mesmo público obras literárias oriundas da Alemanha, como, a epopéia *Sigfried*: o tesouro dos Nibelungos, e *Rainke-Raposo*, de Johann Wolfgang von Goethe; da Rússia, como, por exemplo, os contos *O crocodilo*, *Pilhéria sem graça*, *Um pequeno herói*, de Fiodor Dostoievski, *O urso*, *A pulga de aço* e *A sentinela*, de Nicolai Gogol, e *O relógio e Mumú*, de Ivan Turgueniev.

1.4 Perfil 4: tradutores e/ou adaptadores vinculados ao mercado editorial.

O quarto perfil é constituído por 122 (cento e vinte e dois) tradutores e/ou adaptadores, 72 (setenta e dois) homens e 50 (cinquenta) mulheres, os quais adaptaram 244 (duzentos e quarenta e quatro) títulos, que se desdobram em 256 (duzentas e cinquenta e seis) publicações. Compõem esse grupo, por exemplo, Celso Leopoldo Pagnan, com 24 (vinte e quatro) títulos e 24 (vinte e quatro) publicações, os quais são romances brasileiros do período romântico e realista-naturalista, como, por exemplo, *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, *O Aeneu*, de Raul Pompéia, *Casa de pensão*, de Aluísio de Azevedo, bem como de romances portugueses das citadas estéticas, como, por exemplo, *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, *Viagens da minha terra*, de Almeida Garrett, e *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, sendo todos os títulos pertencentes à coleção “Clássicos Rideel”; Paulo Silveira, com 08 (oito) títulos e 09 (nove) publicações; Paula Adriana Ribeiro, com 09 (nove) e 09 (nove), e o experiente tradutor Paulo Ronái, com 02 (dois) e 03 (três).

Tais adaptadores são profissionais, na sua maioria, ligados à área da tradução, os demais estão vinculados ao processo editorial, seja como editor, publicitário, ou ao universo acadêmico, seja como professor de literatura ou línguas. A biografia desse adaptador só aparece na “Série Reencontro” e “Reencontro Infantil”, da Editora Scipione, que contam com duas seções, “Quem foi....?” para o autor e “Quem é...?” para o adaptador; na coleção “Correndo o mundo”, da DCL, que apresenta o adaptador e o ilustrador, e, por último, a “Coleção Shakespeare”, da Editora Objetiva.

Conclusão

A partir dos dados da amostra da pesquisa a identidade dos adaptadores parece não precisar ser explicitada nas publicações, haja vista que: a) se o adaptador é um escritor já conhecido e

legitimado pela tradição literária, o nome do mesmo não necessita ser apresentado, pois nele já está embutido uma série de informações de conhecimento prévio do leitor, sinônimo de qualidade estética; b) se o autor e o adaptador são conhecidos e legitimados pela crítica literária, o nome do adaptador não pode sobrepor-se ao do autor, uma vez que a finalidade é colocar em primeiro plano a obra adaptada; c) se o autor do texto original é legitimado pela tradição literária e o do texto adaptado não, a solução é silenciar para não desfocar a autoria do primeiro; d) se o autor da adaptação é mais conhecido do que o autor do texto original pelos leitores em formação, o nome do primeiro contribui para o que o do segundo tenha mais visibilidade, agregando credibilidade ao autor da obra adaptada, contudo, não pode torná-lo inferior, por isso, a não explicitação da biografia do adaptador.

A análise desse conjunto de adaptadores revela os possíveis perfis desse profissional, os quais se alteram por diversas circunstâncias históricas e econômicas.

Referências Bibliográficas

- [1] CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras), PPGL, FALE, PUCRS, 2006.
- [2] LAMB, Charles, LAMB, Mary. Prefácio. In: *Contos de Shakespeare*. Tradução Mario Quintana. Porto Alegre: Globo, 1964.
- [3] LAMB, Charles, LAMB, Mary. *Contos de Shakespeare*. Tradução Mario Quintana. Porto Alegre: Globo, 1943.
- [4] LAMB, Charles, LAMB, Mary. *Contos de Shakespeare*. Tradução Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2003.
- [5] LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946. v. II.
- [6] MACHADO, Ana Maria. *Esta força estranha: a trajetória de uma autora*. 6.ed. São Paulo: FTD, 1996.
- [7] MONTEIRO, Mario Feijó Borges. *Adaptação de clássicos brasileiros: paráfrases para o jovem leitor*. Dissertação (Mestrado em Letras) - PPGL, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUCRJ, 2001.
- [8] ROCHA, Ruth. *Odisséia*. Il. Eduardo Rocha. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2000.

Autor(es)

¹ **Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Departamento de Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC/UEMA

E-mail: dbuenosaires@uol.com.br